

# Petrus, o Mais Excêntrico dos Pessoanos

Ricardo Belo de Moraes\*

## Keywords

Fernando Pessoa, Pedro Veiga, Petrus.

## Abstract

Among the many referenced and revered academics who first started to research and publish the written work of Fernando Pessoa, one name tends to be cornered between oblivion and distrust: Petrus. Under this pseudonym, throughout the decades of 1950 and 1960, the eccentric Portuguese lawyer, translator, writer and publisher from Oporto, Pedro Veiga, issued more than 80 books and publications, most of them anthologies dedicated to reboot and divulge the work and mindset of Fernando Pessoa and his heteronyms.

## Palavras-chave

Fernando Pessoa, Pedro Veiga, Petrus.

## Resumo

Por entre os mais citados e referenciados investigadores pessoanos da “primeira geração”, um nome teima em ficar remetido a um quase esquecimento: Petrus. Com este pseudónimo, ao longo das décadas de 1950 e 1960, o excêntrico advogado, tradutor, escritor e editor do Porto, Pedro Veiga, editou mais de 80 livros, monografias e panfletos, na sua maior parte dedicados a antologiar e divulgar a obra e o pensamento de Fernando Pessoa e seus heterónimos.

---

\* Casa Fernando Pessoa. Editor d' *O Meu Pessoa*: <http://omeupessoa.wordpress.com>.



Fig. 1. Ex Libris de Pedro Veiga.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> O autor agradece a colaboração da Câmara Municipal do Porto (Pelouro da Cultura e Divisão de Toponímia), dos juristas Luis Miguel Antunes e António Câmara, da jornalista Anabela Mota Ribeiro (pela autorização de utilização de excertos da sua entrevista a Miguel Veiga) e da equipa da Biblioteca da Casa Fernando Pessoa (José Correia, Teresa Afonso e Ana Maria Santos).

Adolfo Casais Monteiro e João Gaspar Simões dispensam apresentações no universo pessoano. Por via da revista *Presença*, a vida de ambos cruzou-se em pessoa com Fernando – e depois da morte do mais universal dos escritores portugueses, aqueles dois viriam a dedicar décadas ao estudo, levantamento e divulgação da obra e do legado de Fernando Pessoa.

E se é pacífico considerar Gaspar Simões e Casais Monteiro como os dois primeiros “pessoanos encartados”, com Jorge de Sena e Pierre Hourcade também a emergir, as coisas complicam-se quando toca a apontar, por ordem cronológica, os que se lhes seguiram – até porque a História teima em deixar, em branco, o lugar de quem mais imediatamente se juntou aos esforços dos homens da “Presença”.

Um grande pessoano esquecido, ele próprio ainda hoje com toda uma biobibliografia por estudar e fixar devidamente, nasceu Pedro Veiga, a 5 de Maio de 1910, em Moimenta da Beira; e morreu no Porto (onde viveu desde a infância e tem, hoje, uma rua com o seu nome), a 13 de Julho de 1987. Advogado, tradutor, escritor e editor, Pedro Veiga viria a tornar-se figura de charneira da investigação e divulgação de Fernando Pessoa, sob o pseudónimo de Petrus.

Petrus foi um pioneiro dos estudos sobre o criador do “drama em gente”, ao lado dos já referidos João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro, mas também de Agostinho da Silva, Jorge de Sena, António Quadros, Teresa Rita Lopes, Georg Rudolf Lind, Jacinto do Prado Coelho, Joel Serrão e Eduardo Lourenço, entre outros.

Estudou em Coimbra e Lisboa, tendo-se licenciado em Direito e em Letras. O seu percurso académico brilhante granjeou-lhe mesmo um convite do Cardeal Cerejeira, Professor de Letras, para seu assistente – um convite que o jovem se apressou a declinar, argumentando que queria dedicar a sua vida a estar em casa a fazer livros e a procurar coisas pelas bibliotecas.

Esta sua vertente de investigação e edição (quase sempre a expensas próprias) era já sobejamente conhecida no meio académico. Ainda estudante, em 1929, publicou “Os erros históricos da historiografia contemporânea: as Cortes lendárias de Almacave” (1929), um estudo sobre as cortes de Lamego do Séc. XII. Em 1930, foi a vez de “Legendário de Quimeras”, sobre a vida académica coimbrã. Vida fora, seguiram-se-lhes dezenas de livros, entre a História, a Arte, a Cultura, a Política e o Direito.

### **Tudo Por Pessoa, Nada Por Salazar**

Por verdadeira que fosse a vontade de dedicar-se à escrita e edição, as divergências ideológicas de Pedro Veiga com o Antigo Regime terão igualmente pesado na sua recusa do convite académico que lhe fora sido endereçado pelo Cardeal Cerejeira, um dos líderes portugueses mais engajados no salazarismo.

Com efeito, ainda em Coimbra, Pedro Veiga foi organizador e cabeça de vários movimentos de contestação política e greves académicas que o forçaram a transitar, por duas vezes, para a Universidade de Direito de Lisboa. Tirou também o curso de Ciências Pedagógicas, exercendo professorado no Ensino Liceal e Técnico, em cidades como Porto, Guimarães, Santarém e Lisboa.

As opiniões políticas não lhe facilitaram a carreira docente e comprometeram-lhe, de igual modo, as aspirações que chegou a nutrir pelo cargo de director da Biblioteca Municipal do Porto, que lhe foi recusado. Exerceu advocacia naquela cidade e ali chegou a ser Agente do Ministério Público, mas acabou por abandonar todas as actividades judiciais para dedicar-se quase inteiramente aos livros e à actividade literária, suas paixões de toda a vida.

Cruzou-as, aliás, com outra paixão que nunca quis abandonar: a intervenção política. Foi um feroz opositor do regime salazarista, tendo fundado alguns dos movimentos ideológicos e cívicos mais significativos e relevantes no combate à ditadura. O primeiro deles seria o movimento da Renovação Democrática (MRD), em 1931, para o qual viria ser eleito Secretário-geral. Domingos Monteiro, outro dos fundadores do MRD, chamou ao movimento “o primeiro partido político de oposição à ditadura.”

Pedro Veiga sustentou que havia importantes afinidades entre o pensamento político de Fernando Pessoa e o movimento da Renovação Democrática, conforme bem salienta José Barreto (2013), no seu artigo “O fascismo e o salazarismo vistos por Fernando Pessoa”, aí citando a raríssima edição de Petrus, *Afinidades Políticas, Religiosas e Filosóficas entre Fernando Pessoa e a Renovação Democrática*, comunicação apresentada à Universidade da Califórnia (1982).



Fig. 2. Capa de *Afinidades Políticas, Religiosas e Filosóficas entre Fernando Pessoa e a Renovação Democrática*, de Petrus, 1982.

Sobejamente reveladora da sua personalidade, a auto-descrição de Pedro Veiga, na capa, é quase uma proto-tábua biográfica de um recheado percurso

político: “PETRUS. Republicano Antifascista, 1925, Promotor dos Movimentos Republicanos de 1932, 1945, 1953 e 1969, Democratista, Antiliberal, Anticorporativista e Antisocialista, Candidato do Povo à Assembleia Nacional” (Ver Fig. 2).

Pedro Veiga participou como dirigente da Renovação Democrática na campanha eleitoral para as Legislativas de 1945; e três anos mais tarde foi apoiante de Norton de Matos à Presidência da República, redigindo muitos dos manifestos públicos da candidatura do General e intervindo em diversos comícios. Em 1953, esteve igualmente na génese do Movimento dos Independentes, em prol da conciliação nacional.

### Mais Petrus Que Pedro

Foi a partir do final da década de 1940 que o seu pseudónimo de “Petrus” ganhou vida própria. Com ele e a coberto dele, Pedro Veiga deixou uma vastíssima obra literária, de mais de 80 publicações. Este labor de investigação e edição consumiu-lhe a fatia maior da vida – e também dos recursos.

Segundo o seu sobrinho único, o político e fundador do PPD-PSD Miguel Veiga, o seu tio:

[...] vivia modestamente, não tinha dinheiro. Era advogado mas advogava pouco, o trabalho dos livros exauria-o. Foi vendendo as propriedades de Moimenta da Beira que tinha recebido do meu avô. Vivia com a minha avó, rodeado de livros. Foi sempre considerado uma carta fora do baralho dentro da família. Em termos sociais e pessoais, era a antítese do meu pai. [...] Era o cúmulo da extravagância. Foi um revolucionário. [...] Fez os célebres volumes sobre os modernistas portugueses. [...] Do meu tio herdei determinados desatinos e as fúrias (as dele eram homéricas), herdei o gosto pela literatura, pelas artes. Tinha uma pena quase camiliana. Passava a vida com discussões e com críticas públicas.

(Comunicação pessoal)

De facto, o temperamento singular e o seu muito peculiar estilo de vida deram a Pedro Veiga a reputação de excêntrico e extravagante. Conceituada figura da sociedade portuense, os seus preparos eram muito comentados: nas deambulações que fazia pelas ruas do Porto, levava quase sempre um grande saco de mão, a abarrotar de livros, manuscritos e papéis.

Poucos como Pedro Veiga souberam “ler” tão bem Fernando Pessoa. No posfácio que escreveu para o livro *Sociologia do Comércio* (ver Fig. 3), de 1951, Petrus chama-lhe “[...] poeta e crítico literário, esteta e pensador social que com a sua actividade multimoda e a sua fecunda acção de agitador e de inovador, renovou em muitos sectores do pensamento as ideias que os dirigiam e o gosto literário que neles dominava” (1951: 101).



Fig. 3. Capa do livro *Sociologia do Comércio*.<sup>2</sup>  
Antologia de textos sobre economia de Fernando Pessoa, 1951.

Com fino recorte de inteligência e oportunidade, Petrus também aproveitou o inócuo tema desta sua antologia pessoana para relacionar política e economia, insinuando claramente que a compreensão total do pensamento de Pessoa não era compatível com o erro em que caíam quase todos quantos queriam dar, aos pensamentos políticos pessoanos, uma significação afim dos seus próprios ideais. No mais improvável dos locais, debaixo do radar da censura, Petrus afastava Pessoa das colagens ao fascismo que muitos lhe queriam fazer e frisava que a personalidade de Fernando Pessoa

“[...] foi demasiado independente para subordinar a sua inata rebeldia aos conceitos políticos habituais. Verifica-se até que a sua repugnância pelas ideias socialistas, que no plano político acusa muito mais um temperamento que um profundo conhecimento daquela ideologia, que retalia sem piedade, tem seu verdadeiro fundamento nas ideias económicas que neste livro são expostas com rara lucidez, vigor e poder de sugestão. [...] Igualmente revela que, a despeito de afirmações que isoladas podiam fazer suspeitar em Pessoa uma convicta tendência para as ideologias de feição fascista – nele primava como valor fundamental da cultura o princípio da liberdade – que supõe o respeito da personalidade humana – isto é, o culto de Valores Espirituais que a sociolatria reacionária, em regra, despreza [...]”

(1951: 102)

### Candeias Às Avessas

Vários dos episódios públicos mais polémicos e comentados da vida editorial de Pedro Veiga estiveram, como seria de esperar, ligados a Fernando

<sup>2</sup> Dado o péssimo estado de conservação da capa da edição de 1951 ao nosso dispor, recorreremos aqui à imagem de capa de uma edição fac-similada do original, iniciativa conjunta “Resgatando Virtudes”, das empresas JCTM Marketing Industrial e VCP - Votorantim Celulose e Papel (Brasil, 1997).

Pessoa. Ou, mais concretamente, ao embate de frente com um dos investigadores pessoanos mais reconhecidos pela Academia; e até com a própria irmã de Pessoa.

Na sua introdução à antologia pessoana *Distância Constelada* (ver Fig. 4), Petrus é taxativo ao denunciar os bloqueios da “avareza literária de uns tantos [...] detentores da obra alheia que dela querem extrair pesado foro, antes de permitir que a cultura nacional recolha a herança dos seus mais altos e originais artistas” (1955: 6). Detalhando mais o alcance da sua crítica, Petrus avança ainda que:

[...] um dia que se escreva um trabalho sobre a mentalidade de certos bibliófilos e roedores de livros e de certos literatos de botica, poetastros e critiquelhos que, como toupeiras, passam a vida a forragear ideias ou mesmo simples motivos poéticos, guardando sigilo das fontes inspiradoras – ver-se-á como esses parasitas são os principais responsáveis de tantos delitos de lesa-arte cometidos em Portugal com a obra de escritores prematuramente desaparecidos, sacrificada umas vezes às toleimas ou avareza da família, outras aos prejuízos da sociedade, às ideias feitas ou ao desinteresse.

(1955: 7)

É ainda na edição de *Distância Constelada*, numa nota de fecho do livro (intitulada *À Margem de um Prefácio Impertinente*), que Petrus mima Adolfo Casais Monteiro (com quem manteve acesas polémicas), com o epíteto de “feliz escalador das montanhosas rimas de papéis de Fernando Pessoa grávidas de poesia [...]”, acrescentando noutro ponto que “vale alguma coisa o intelecto do Dr. Casais, não vale nada a sua arte de escrever”.

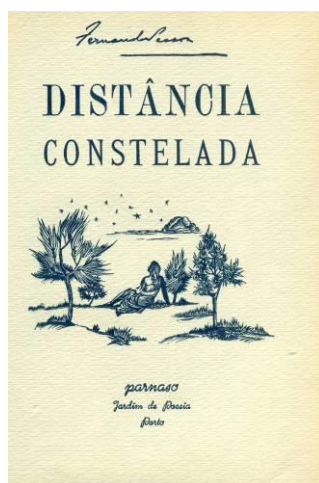


Fig. 4. Capa do livro *Distância Constelada*. Antologia poética de Fernando Pessoa, 1955.

Ainda mais pitoresco é, indubitavelmente, o episódio de 1963, na Livraria Divulgação do Porto, fundada pelo célebre livreiro Fernando Fernandes. Ali estava patente, organizada por José Augusto Seabra, uma exposição bibliográfica sobre Fernando Pessoa, com base numa pequena parte do espólio do Poeta, até então inédita. No convénio entre a Livraria Divulgação e a família de Fernando Pessoa,

ficara rigorosamente estabelecida a proibição de ser copiado o material exposto. Ora, logo no primeiro dia da exposição, os promotores foram dar com um Pedro Veiga na sala, copiando para um caderno de apontamentos de bolso, com grandes à-vontade, velocidade e desenvoltura, partes do *Livro do Desassossego*. Petrus foi imediatamente expulso da exposição, debaixo de enorme escândalo, não poupando uma chuva de furiosos impropérios aos seus delatores, enquanto era escoltado para a rua.

Ficava assim frustrada a intenção de Petrus em reforçar e completar uma edição embrionária e incompleta do *Livro do Desassossego*, que publicou em 1961, com o subtítulo “Páginas Escolhidas” (ver Fig. 5).

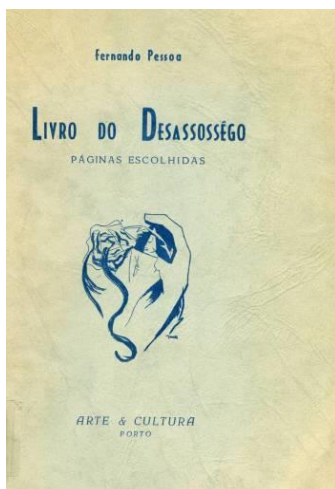


Fig. 5. Capa do *Livro do Desassosêgo*.  
Antologia de textos de Fernando Pessoa, Vicente Guedes,  
Bernardo Soares e Barão de Teive, 1961.

Apesar das limitações nos fragmentos disponíveis, a análise global de Pedro Veiga aos fragmentos então disponíveis da obra é brilhante. Nas suas notas à edição, além de citar e seguir Maria Aliete Galhoz, traça e entrecruza, na perfeição, os perfis dos quatro contribuintes: Vicente Guedes, Bernardo Soares, o Barão de Teive e o próprio ortónimo. Ao *Livro*, chamou Petrus “um florilégio breve das nuances de espírito de Fernando Pessoa”, um “banquete” capaz de contribuir, apesar dos espaços em branco, para uma melhor compreensão da personalidade de Pessoa, “fazendo a passagem entre o homem cerebral e o homem sensível, entre o pensador e o poeta” (1961: cólofon).

Pouco mais de 15 anos depois de ter começado a antologiar Fernando Pessoa, Petrus editou finalmente *Almas e Estrelas* (ver Fig. 6), em 1966, livro com o qual encerrou o seu labor pessoano. Ali, coligiu sete textos de Pessoa, de “O Marinheiro” a “O Banqueiro Anarquista”, passando por “O Conto do Vigário” e até o menosprezado articulado publicitário de “O automóvel ia desaparecendo”. Com este livro, Petrus terminaria a tarefa assumida de “revelar, ao mundo intelectual, uma obra de pensamento e poesia ignorada, abandonada, fragmentária



mas, mesmo assim, de raro quilate e de rara significação como testemunho do nosso tempo” (1961: cólofon).

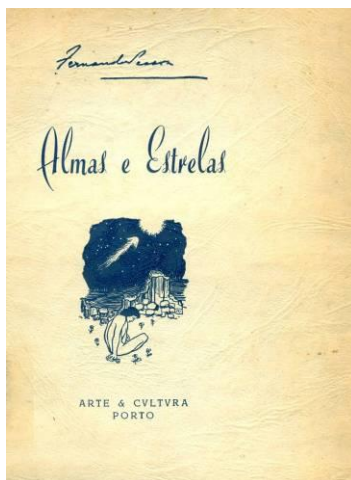


Fig. 6. Capa do livro *Almas e Estrelas*.  
Antologia de prosa de Fernando Pessoa, 1966.

Na nota de abertura deste livro, Petrus frisa como

[...] ao lado do poeta e do pensador, de sortida matiz, ora voltado para o campo da especulação filosófica, política e social, ora para a face literária da Estética, ora para a análise dos fenómenos da circulação económica – numa dispersão de interesses que afinal eram as agulhas a demarcar a sua séria preocupação pela problemática essencial do Homem e do Universo – ao lado dessas zonas mais iluminadas do mundo mental de Fernando Pessoa, não deve ignorar-se a sua propensão para o ficcionismo, de que, através duma vida literária incerta e sem estabilidade, deu provas, apesar de tudo, em várias páginas que publicou e são, de algum modo, temperamentalmente autobiográficas, e em outras que abandonou, inéditas, no baú das suas desilusões. [...]

Este *Almas e Estrelas*, título de confessada inspiração fernandina, dilata os horizontes do Sonho até às regiões em que as acções vulgares e as paixões interiores do homem são subtilizadas através dum prisma que só homens evoluídos e de larga experiência civilizacional estão aptos a descobrir e a sublimar.

Numa literatura tão pesada como a nossa – em que raras vezes se sorri e nenhuma se logra, com sucesso, desmascarar o seu encardido provincianismo, o seu bloco freirático e a hipocrisia que se aninha no coração do íncola, sem primeiro escorchar este primata rabino com zargunchadas de fender o tutano ou de o confundir com o riso sonoro das grandes surriadas carnavalescas – um caso desta ordem em que tudo se passa num exemplar teatro de mal descoberta malícia, através dum jogo superior e subtil de paradoxos e de seriíssimos ditos de espírito e guinadas de humor – não pode deixar de ser um caso singular, verdadeiramente importante pelo que revela de evolução mental, de capacidade crítica e de aptidão para os graus superiores da civilização.

Estranho é que tanto se tenha falado de Fernando Pessoa, tanto se decalquem seus versos e se adultere sua personalidade e, afinal, tão poucos conheçam a sua obra e, através dela, o criador genial que poderia ter sido e não foi porque a sociedade sua contemporânea o destruiu, abafando o génio no lugar-comum, obscuro e medíocre, das vidas frustradas.

O escritor e o artista só são geniais na medida em que se realizam e não na medida em que deixam transparecer o que neles há de profundo e não chega a vir à superfície e o que neles há de novo e não chega a ser trazido ao verbo humano.

(1966: 5-7)

### Falta um Livro ao Homem dos Livros

Por entre a paixão devota que dedicou à “escavação arqueológica” da prosa e poesia dispersas de Fernando Pessoa, Petrus trouxe efectivamente à tona de água, nos anos mais duros de censura salazarista, não só a poesia como também o pensamento pessoano em prosa, espreado por áreas tão díspares quanto a contabilidade e comércio, os caminhos políticos de Portugal, as proibidas ordens secretas, as ciências ocultas, o misticismo, a filosofia religiosa, a liberdade de expressão, a Lisboa-meu-lar e até o erotismo.

Petrus teve pelo menos um livro de Pessoa proibido pela censura, em 1952: *Defesa da Maçonaria*, que continha o artigo “Associações Secretas” (ver Fig. 7).

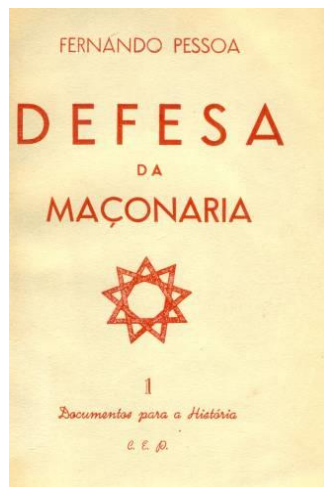


Fig. 7. Capa do livro *Defesa da Maçonaria*.  
Antologia de prosa de Fernando Pessoa, 1952.

Certamente embalado pelas pesquisas constantes e pelo seu espírito analítico, Pedro Veiga editou ainda uma série de ensaios e monografias dedicadas ao estudo da geração dos Modernistas.

Quando, já no final da vida, tentaram dar-lhe uma comenda da cultura, Pedro Veiga começou por recusar, mas lá condescendeu, sempre fiel à sua excentricidade: “Está bem, mando o cão”.

Dono de uma gigantesca biblioteca particular a que devotava a maior afeição, Pedro Veiga doou-a, em vida, à Universidade do Porto. Esta Biblioteca, com perto de 20 mil referências (especialmente nas áreas de literatura, história contemporânea, direito e jurisprudência) encontra-se depositada nas Faculdades

de Letras e de Direito daquela universidade; e os seus *marginalia* estão por investigar.

Quase trinta anos após a sua morte, a verdadeira homenagem a Petrus ainda está por fazer. Além dos 82 livros que editou, Pedro Veiga deixou, manuscritos, textos destinados a oito volumes das suas memórias políticas, literárias e culturais, ainda inéditos. Vários outros textos, manuscritos e dactilografados, destinados a publicações, ficaram também a aguardar a estampa, guardados em caixas de cartão e de sapatos...



Fig. 8. Capa do livro *O Encoberto: poema*.  
Excerto da *Mensagem* de Fernando Pessoa, 1950.

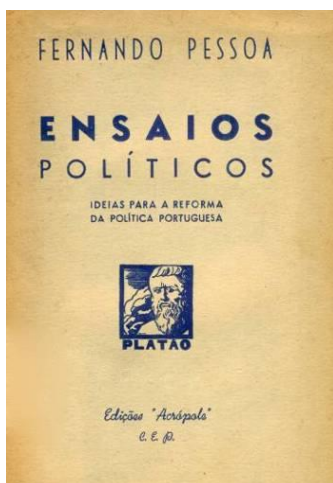


Fig. 9. Capa do livro *Ensaaios Políticos: ideias para a reforma da política Portuguesa*.  
Antologia de prosa de Fernando Pessoa, 1954.

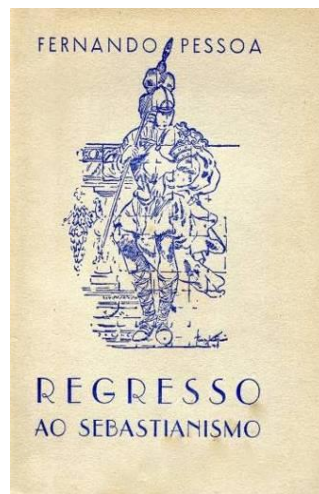


Fig. 10. Capa do livro *Regresso ao Sebastianismo*.  
Antologia de poesia e prosa de Fernando Pessoa 'e outros lusíadas', 1952.

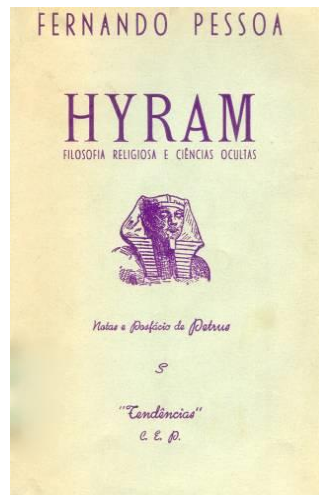


Fig. 11. Capa do livro *Hiram*.  
Antologia de prosa de Fernando Pessoa e vários contemporâneos, 1953.

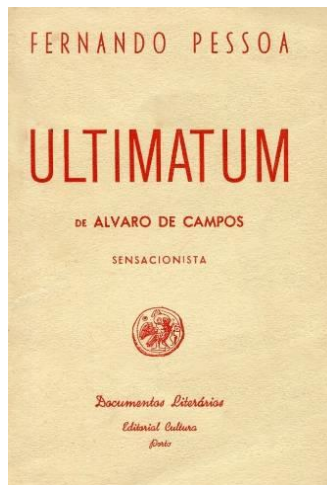


Fig. 12. Capa do livro *Ultimatum*.  
Manifesto de Álvaro de Campos, 1951.

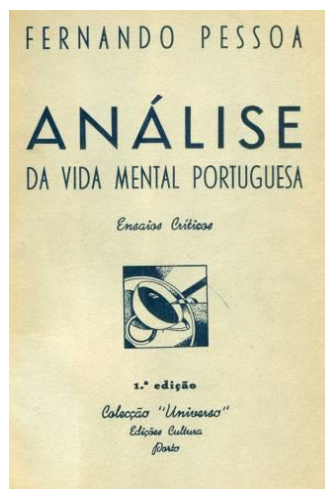


Fig. 13. Capa do livro *Análise da Vida Mental Portuguesa*. Antologia de ensaios críticos de Fernando Pessoa, 19s.d.

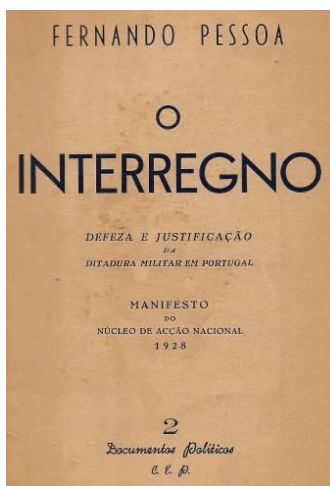


Fig. 14. Capa do livro *O Interregno*. Manifesto de Fernando Pessoa, 19s.d.

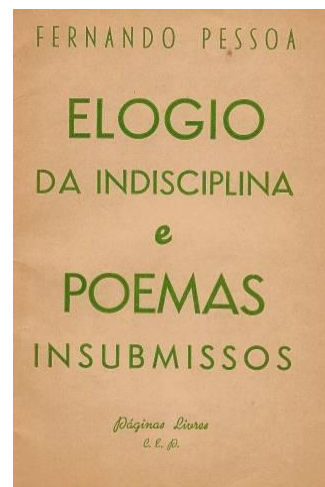


Fig. 15. Capa do livro *Elogio da Indisciplina e Poemas Insubmissos*. Antologia de prosa e poesia de Fernando Pessoa, 1953

## Bibliografia

- BARRETO, José (2013). "O fascismo e o salazarismo vistos por Fernando Pessoa", in *Estudos Italianos em Portugal*, n.º 8 (nova série), Lisboa, Instituto Italiano de Cultura, pp. 99-123.  
[https://www.academia.edu/6786480/O\\_fascismo\\_e\\_o\\_salazarismo\\_vistos\\_por\\_Fernando\\_Pessoa](https://www.academia.edu/6786480/O_fascismo_e_o_salazarismo_vistos_por_Fernando_Pessoa)
- LEITE, Pedro Pereira (2003). "Pela estrada larga: O Livreiro Fernando Fernandes e as memórias duma geração". Grândola: Marca D'Água, pp. 1-40.  
[https://www.academia.edu/409913/Fernando\\_Fernandes\\_e\\_a\\_Livraria\\_Leitura\\_do\\_Porto](https://www.academia.edu/409913/Fernando_Fernandes_e_a_Livraria_Leitura_do_Porto)
- MANSO, Artur (2007). "O projecto de reforma do ensino superior no movimento da renovação democrática (1932)". A Coruña: Universidade da Coruña.  
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9244>
- RIBEIRO, Anabela Mota (2013). Entrevista a Miguel Veiga. Publicado pela autora em 18-12-2013; publicado originalmente no *Jornal de Negócios* em 2011.  
<http://anabelamotaribeiro.pt/76431.html>
- PESSOA, Fernando (1966). *Almas e Estrelas: horas espirituais*. Porto: Arte e Cultura.
- \_\_\_ (1961). *Livro do Desassossego: páginas escolhidas*. Porto: Arte e Cultura.
- \_\_\_ (1955). *Distância Constelada*. Porto: Parnaso.
- \_\_\_ (1954). *Ensaio Político: ideias para a reforma da política portuguesa*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1953). *Elogio da Indisciplina*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1953). *Hiram: filosofia religiosa e ciências ocultas*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1952). *A Maçonaria*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1952). *Regresso ao Sebastianismo*. S.l.: s.n.
- \_\_\_ (1951). *Sociologia do Comércio*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1951). *Ultimatum de Álvaro de Campos*. Porto: Editorial Cultura
- \_\_\_ (1950). *O Encoberto: poema*. Porto: s.n.
- \_\_\_ (19--). *Análise da Vida Mental Portuguesa*. Porto: Editorial Cultura
- \_\_\_ (19--). *O Interregno*. Porto: Centro Editorial Português.
- VEIGA, Pedro (1983). *Afinidades Políticas, Religiosas e Filosóficas entre Fernando Pessoa e a Renovação Democrática*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1961). *Os Modernistas*. 6 vol. Porto: Centro Editorial Português.

## Petrus sobre Fernando Pessoa e os Modernistas

### Listagem de obras disponíveis no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal

- PESSOA, Fernando (1966). *Almas e Estrelas: horas espirituais*. Porto: Arte e Cultura.
- \_\_\_ (1961). *Livro do Desassossego: páginas escolhidas*. Porto: Arte e Cultura.
- \_\_\_ (1954). *Ensaio Político: ideias para a reforma da política portuguesa*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1953). *Elogio da Indisciplina*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1953). *Hiram: filosofia religiosa e ciências ocultas*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1952). *A Maçonaria*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1952). *Regresso ao Sebastianismo*. S.l.: s.n.
- \_\_\_ (1952). *Poemas Ocultistas*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1951). *Apreciações Literárias: bosquejos e esquemas críticos*. Porto: Editorial Cultura.
- \_\_\_ (1951). *Crónicas Intemporais*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1951). *Sociologia do Comércio*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_ (1951). *Ultimatum de Álvaro de Campos*. Porto: Editorial Cultura.
- \_\_\_ (1950). *Á Memória do Presidente-Rei Sidónio Paes*. Porto: s.n.
- \_\_\_ (1950). *O Encoberto: poema*. Porto: s.n.
- PESSOA, Fernando; MATOS, Norton de (1966). *Antologia a Maçonaria*. Porto: s.n.

- VEIGA, Pedro (1983). *Afinidades Políticas, Religiosas e Filosóficas entre Fernando Pessoa e a Renovação Democrática*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_\_ (1961). *Os Modernistas*. 6 vol. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_\_ (1961). *O Sr. Adolfo Casais Monteiro e os modernistas portugueses: mais uma perfidia do poeta [sic] da "confusão"*. Porto: Centro Editorial Português.
- \_\_\_\_ (1959). *Sarça Erótica*. Porto: Arte e Cultura.